

Manabu Mabe compreende rejeição a seu quadro

Marcos Issa

*Para pintor, FH
precisa mesmo
de ambiente novo*

21 JAN 1995

BERNARDINO FURTADO

SÃO PAULO — O pintor Manabu Mabe fugiu à regra da propalada vaidade artística. Ao saber da decisão anunciada anteontem pelo presidente Fernando Henrique Cardoso de mudar a decoração de seu gabinete e retirar da parede um quadro seu — do qual ele disse não gostar — o pintor, ao contrário do que se esperava, não se melindrou. Em vez disso, disse que o presidente tem toda a razão de substituir a tela por uma de outro artista:

— Pelo que sei, o quadro está no gabinete presidencial desde o Governo Collor. Se eu fosse presidente, também mudaria. O Fernando Henrique deve trabalhar num novo ambiente para fazer um novo país.

Mabe afirmou que o quadro não lhe traz nenhuma recordação especial. Segundo ele, pelas características da obra, deve ter sido pintado entre 1974 e 75 e comprado pelo decorador do Palácio do Planalto em alguma galeria do Rio ou de São Paulo. Pela avaliação do pintor, o quadro, com dois metros de largura por 2,40 de altura, deve valer de US\$ 30 mil a US\$ 35 mil.

— A fase em que o pintei foi importante, mas nenhuma obra é melhor do que a que estou fazendo agora — disse.

Mabe, que nasceu no Japão e mora há 60 anos no Brasil, orgulha-se de ter produzido um quadro sob encomenda para o



Manabu Mabe posa à frente de um de seus quadros: sem qualquer ressentimento com o presidente

Itamaraty na época da inauguração do novo prédio do ministério. Segundo o artista, a glória foi ainda maior porque a então princesa japonesa Miko, hoje imperatriz, reconheceu o estilo ao ver o quadro pela primeira vez durante uma recepção. A tela continua em lugar de destaque no prédio do Ministério das Relações Exteriores, mas Mabe evita comparações com a tela do gabinete presidencial:

— Já foi uma honra para mim ter um quadro decorando a principal sala do Palácio do Planalto durante quatro anos.

Fernando Henrique manifestou a disposição de trocar a tela durante conversa informal com a ministra da Indústria, do Comércio e do Turismo, Dorothea Werneck.